



Revista Lusófona de Educação

ISSN: 1645-7250

revista.lusofona@gmail.com

Universidade Lusófona de Humanidades e
Tecnologias
Portugal

Gomes Albuquerque, Alberto

Reseña de "Ganchos, Tachos e Biscates" de José Machado Pais

Revista Lusófona de Educação, núm. 4, 2004, pp. 181-182

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Lisboa, Portugal

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34900408>

- [Cómo citar el artículo](#)
- [Número completo](#)
- [Más información del artículo](#)
- [Página de la revista en redalyc.org](#)

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

José Machado Pais, 2003 Ganchos, Tachos e Biscates.

Lisboa: Âmbar, 437 pp.

Há duas maneiras de se ler o livro de José Machado Pais (*Ganchos, Tachos e Biscates*). Uma mais imediata e linear como normalmente nos debruçamos sobre trabalhos científicos buscando identificar o objeto, o método e os resultados apontados pelo autor.

Nesse caso observamos uma abordagem cujo foco central é a precariedade do trabalho entre os jovens, uma particularidade que atinge jovens contemporâneos em todo o mundo. O olhar sobre a situação de jovens portugueses que vivenciam um tempo de precariedade e instabilidade é delimitado pela escolha de alguns personagens (jovens prostitutas, jovens em situação de toxicod dependência, jovens de classe média baixa e classe média alta, etc) que dão voz e vida à pesquisa mostrando como vêm a sua condição.

Além da clara delimitação do objeto da pesquisa e dos sujeitos, o autor opta por uma abordagem metodológica bastante interessante, na medida em que não se pretende a roteiros rígidos previamente construídos, permitindo que o texto se construa a partir da fala dos jovens ouvidos.

Ao olharmos os cursos das vidas dos jovens trabalhadores ou desempregados podemos observar um interessante fenômeno que atinge essa geração, qual seja, a desconstrução da sociedade do trabalho. Desde a segunda guerra mundial observamos a construção de uma sociedade baseada na idéia do trabalho, onde os indivíduos eram preparados através da escola para o trabalho. O objetivo era então o emprego, a base, a estabilidade almejada por todo o indivíduo. Assim, educação escolar e trabalho formal constituem-se em pilares da sociedade do pós-guerra.

O que mudou então? A globalização em seu sentido mais amplo designa a natureza das mudanças que vem ocorrendo na economia e na sociedade neste início de milênio que mostram a homogeneização do

espaço econômico e a submissão crescente da política à racionalidade do mercado e a aproximação entre formas jurídicas, estilos de vida e padrões culturais dos povos. De uma organização de trabalho rígida testemunhamos hoje, formas flexíveis e desformalizadas de trabalho caracterizadas pelo emprego precário (trabalho emprestado – terceirizado; trabalho autônomo), e internacionalização dos mercados de trabalho (migração de trabalhadores).

Diante de tantas transformações, ao jovem de hoje, encontrar um trabalho à moda antiga é como uma loteria, pois como diz um dos jovens entrevistados: (...) *já não falo em emprego, mas trabalho, quem quer consegue porque trabalho há, há é falta de emprego* (...) (p. 140)

Segundo o autor, esses jovens estabelecem seus próprios modos de construção da vida, valorizando o presente, pois só é possível tornar o futuro presente através de um tempo imaginário (p. 417), isto é, não antecipam possibilidades. Essa aparente falta de perspectivas é resultado de amargos rompimentos com a vida e ao longo da vida (*Eu não quero ser um gajo rico. Eu quero viver bem, eu sempre disse: Eu quero viver bem. Lúcio, p. 145 – Em relação ao futuro... acho que, como qualquer pessoa, tenho um bocado de medo... Dá aquele friozinho na barriga... Ninó, p. 171 – As horas que faço lá naquele sítio... ali sou uma puta, que é o termo, e na rua sou uma senhora que ninguém tem o mínimo que apontar, porque eu não admito isso... Espero que um dia seja perdoada, como eu digo, que consiga ter tudo pago e que depois volte à minha vida normal. Joana, pp. 297-301 – Eu andando assim nesta vida, penso que, sei lá... sei que isto não é vida para mim nem para ninguém mas... Se continuar assim, nem duro muito tempo, ai não duro não – Rui, p. 236).*

A segunda maneira de ler o texto, que não se opõe à primeira, é considera-lo como a obra de um artesão das palavras, no qual

o autor estabelece um fio mestre a partir do qual se constrói uma trama de personagens transbordantes de humanidade e histórias repletas de sentidos, sentidos que são respeitadamente interpretados pelo pesquisador.

Defrontamo-nos, portanto, com crônicas de episódios aberrantes e de loucas esperanças, fazendo-nos mergulhar nos segredos mais recônditos dos narradores, seja a jovem prostituta que diz que *apesar dos outros aspectos negativos, continuo a ser a mesma pessoa de sempre, sou boa pessoa, sou humana, o meu lado obscuro não influencia a minha pessoa, o meu eu.* (Inês, p. 277) ou do jovem Blatte que escreveu em seu diário de prisão: *Estou aqui na cela a escrever por entre os muros e as grades, ouvindo os automóveis, os carros e os aviões a passar, e não fico por aqui, as lágrimas não se podem esconder nem evitar, é um sinal que sou humano (...). A dor de estar preso, essa eu sinto à minha maneira, ninguém me a vai tirar* (p. 400).

Claramente inspirado nas crônicas do cotidiano¹, o estilo do autor apóia-se em 14 entrevistas que funcionam como esquetes nos quais os atores improvisam discursos que retratam suas histórias. Ao reprisar trechos das entrevistas, o faz revelando os aspectos grotescos que permeiam a vida de jovens excluídos e marginais ao mesmo tempo em que revela a humanidade que parece perdida em alguns de seus personagens.

Essa segunda forma de abordar o texto nos mostra uma farsa: o autor constrói uma moldura – o mundo do trabalho; um cenário – a União Européia; e um enredo – a história de vida de jovens em situação de desemprego e/ou empregos precários marginalizados pela pobreza e pela toxicod dependência colocando em perspectiva um futuro ausente que reflete uma incapacidade de o projetar, devido a circunstâncias da vida. (p. 423)

É um livro que pode ser aberto em qualquer parte e começar a ser lido, pois as histórias de vida se entrecruzam, ficando difícil saber onde começam e onde terminam. O texto nos comove à medida que humaniza seus personagens derrubando as fronteiras entre a ciência e a humanidade, entre o

científico e o cotidiano de vidas felizes e infelizes. Ajuda-nos a reavaliar e reconstruir um repertório de idéias prontas e de imagens que associamos às coisas e pessoas. Antes de iniciarmos a leitura, já vimos filmes, já lemos jornais e revistas sobre alguns dos temas abordados no livro e apoiados nessas experiências alheias – reais ou imaginárias – construímos em nossa imaginação estereótipos que o autor trata de desmontar, de maneira sutil, mas contundente.

O recurso a entrevistas sem estruturação prévia revelou um tipo especial de discurso que incentiva o leitor a representar a história dos sujeitos costurando-as com as referências teóricas apresentadas oportunamente pelo autor na introdução do livro.

Ao fim, resta-nos uma pergunta: como podemos classificar essa obra? Um trabalho etnográfico, de sociologia do conhecimento, sociologia da juventude ou sociologia da educação?

Poderíamos “gastar” mais algumas linhas tentando definir a categoria na qual se enquadra o texto. Porém, basta-nos constatar que o autor, ao eleger como objetivo central de seu estudo *a descoberta dos mundos de vida de jovens que procuram modos vários de inserção profissional ou formas inventivas de ganhar dinheiro* (p. 12), comprometeu-se desde o princípio com os seus sujeitos e levou a bom termo a tarefa a que se propôs.

Alberto Albuquerque Gomes

Notas

¹ Vide *Sociologia da Vida Quotidiana* (2002). José Machado Pais. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.